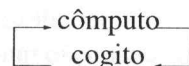


rais necessários à sua emergência, começando pela dependência ao metabolismo oxidante (enquanto os músculos podem funcionar durante breves períodos sem oxigênio, a ausência de sangue oxigenado acarreta a perda de consciência e, depois de dez segundos, surgem lesões irreversíveis capazes de abolir o espírito para sempre).

Assim, contribuímos com uma luz, não com uma “solução”, ao problema da relação cérebro—espírito. Vimos que essa relação é, de fato, tríplice, pois necessita da co-presença de uma cultura. Devemos, portanto, imaginar um macroconceito de tripla entrada, correspondente às três instâncias interdependentes e co-produzindo-se:



Cada instância contém, de certa maneira, as duas outras. No macroconceito, devemos introduzir o



Mas resta, nessa concepção racional, como deve ser, algo de irracional, um “resíduo” contendo o grande mistério da existência, da organização, da vida, do conhecimento.

Possibilidades de definição

O aparelho neurocerebral é o dispositivo computacional/informacional/comunicacional que organiza as operações cognitivas e comportamentais do ser.

O cérebro pode ser reconhecido como o computador central desse aparelho. Do ponto de vista do organismo, trata-se do órgão destinado ao controle motor, à análise sensorial, à capacidade cognitiva.

O espírito, aqui, não significa nem emancipação de um corpo, nem um sopro vindo do alto. É a esfera das atividades cerebrais onde os processos computantes tomam forma cogitante, ou seja, de pensamento, linguagem, sentido, valor, sendo atualizados ou virtualizados fenômenos de consciência. O espírito não é uma substância pensante, mas uma atividade pensante que produz uma esfera “espiritual” objetiva. De fato, há uma realidade objetiva da linguagem, das suas

regras, do pensamento, das idéias, da sua lógica. Daí a necessidade, para o conhecimento do conhecimento, de considerar também as coisas do espírito no sentido objetivo da palavra “coisa” (que será tratado no livro “Noosfera e noologia”). Essas “coisas” reais não têm, contudo, realidade “material”, embora não possam ser separadas de substratos ou de processos físicos, biológicos, cerebrais.

O espírito subentende, certo, sempre um indivíduo-sujeito e um

cômputo —→ cogito;

mas as regras do espírito (lingüística, lógica) e as coisas do espírito (mitos, idéias) transcendem os indivíduos-sujeitos. Há algo de transcerebral e de transindividual na esfera espiritual. Se, em contrapartida, queremos focalizar o aspecto individual-subjetivo da atividade do espírito, encontramos a noção de psiquismo. O psiquismo emerge, como o espírito — do qual é o aspecto subjetivo —, da atividade cerebral e retroage sobre aquilo de que emerge. Nesse sentido, a existência relativamente autônoma de uma *psique* autoriza uma psicologia e uma psicanálise relativamente autônomas.

O psiquismo está enraizado no egocentrismo subjetivo e na identidade pessoal; engloba os aspectos afetivos, oníricos, fantasmáticos da atividade espiritual. Freud falava de aparelho psíquico — *psychischer Apparat*. Termo que, sem se confundir, recobre a idéia de aparelho neurocerebral, com outra roupagem. A noção de aparelho neurocerebral remete à organização bioquímica da computação cerebral. O aparelho psíquico remete aos fenômenos psico-espirituais que emergem da sua atividade. O interesse pelo termo aparelho psíquico reside na indicação do enraizamento organizacional e orgânico da psique. Podemos logo considerar o seguinte esquema:

